

Imagem da palavra: relato de experiência em uma escola de teatro

Lucia Cristina Fernandes Antunes Provenzano

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo: O presente relato apresenta reflexões e considerações, a partir de uma experiência que vivenciei como educadora em uma escola de Artes Cênicas. A experiência que me proponho a relatar é sobre a coconstrução de uma aula da disciplina de voz no teatro. Tenho como objetivo neste relato transmitir os momentos vividos, que foram repletos de descobertas, significações e emoções. Ancoro aqui minhas reflexões e entendimentos momentâneos no viés teórico-investigativo-metodológico da Prática Exploratória (Miller, 2012). Investigo a ação praticada, em que não há separação entre a vida na sala de aula e a pesquisa (Grupo da Prática Exploratória, 2020), procurando desenvolver, de forma colaborativa e solidária, a prática de uma escuta-atenta-reflexiva-inclusiva-transformadora. Tenho como proposta neste trabalho o alinhamento com a estrutura teórica da Linguística Aplicada Contemporânea e o paradigma qualitativo e interpretativo de pesquisa orienta o meu caminho (Denzin; Lincoln, 2006).

Palavras-chave: Prática Exploratória. Educação. Voz. Teatro.

Abstract: This report presents reflections and considerations based on an experience I have had as an educator at a Performing Arts school. The experience I share in this article is about the co-construction of a voice training class in theater. My objective in this report is to convey the moments lived, which were filled with discoveries, meanings, and emotions. I anchor my reflections and momentary understandings in the theoretical-investigative-methodological perspective of Exploratory Practice (Miller, 2012). I investigate the practiced action, where there is no separation between life in the classroom and research (Grupo da Prática Exploratória, 2020), seeking to develop, collaboratively and in solidarity, the practice of attentive-reflective-inclusive-transformative-listening. In this paper, I propose to align it with the theoretical structure of Contemporary Applied Linguistics, and the qualitative and interpretive research paradigm guides my path (Denzin; Lincoln, 2006).

Keywords: Exploratory Practice. Education. Voice. Theater.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O meu ponto de encontro como fonoaudióloga com as Artes ocorreu ainda em 2001, porém, de forma regular, esse momento chega em 2005, quando passo a integrar o corpo docente de uma escola de Música. Esse cenário do mundo das Artes faz parte do meu trabalho até o ano de 2017, quando, então, sou convidada a adentrar em um novo horizonte das Artes, o teatro.

Com o convite aceito, passo a integrar o corpo docente de uma escola de formação técnica em teatro, localizada na cidade do Rio de Janeiro. É um local reconhecido entre os setores de produção artística, intelectual e pedagógica, como uma escola fecunda e de referência, que recebe estudantes das mais diferentes regiões e realidades do país. O curso de formação em teatro tem a duração de dois anos, e a disciplina que leciono, expressão vocal, está presente em todo o curso, o que faz com que eu acompanhe os alunos durante o seu processo de formação. O presente estudo envolve um dos meus momentos de aula com alunos que se encontravam no segundo período do curso.

Desenvolver o meu trabalho em um local que considero tão potente e rico de vivências e experiências, me proporcionou, e proporciona a cada dia, novos desafios profissionais, me conduzindo a ter uma escuta e um olhar mais amplo. Essa escuta e olhar permeia também o meu fazer fonoaudiológico, me conduzindo ao caminho do meu trabalho com a expressividade e a performance vocal. Trata-se de uma escuta que envolve percepções mais refinadas sobre a musicalidade, a intencionalidade dessa voz e seus impulsos de vida, e de um olhar que envolve a percepção do fluxo de comunicação, consigo mesmo e com o ambiente externo. Para Martins, (2014, p. 16), “a voz carrega em suas ondas sonoras frequências vibratórias e intensidades que envolvem a palavra com sentimentos, afetos e intenções”.

Considero que, ao estar em um ambiente escolar, repleto de histórias de vidas, com suas diversidades, com muitas possibilidades de encontros sobre variadas temáticas, tenho a feliz oportunidade de inserir meu estudo no campo da Linguística Aplicada Contemporânea e, para trilhar esse caminho, preciso me lembrar do que, de forma tão bela, nos ensina Davies (2007). O autor pontua que se queremos saber sobre Linguística Aplicada Contemporânea basta olharmos ao nosso redor. Moita Lopes (2006), sinaliza que todo conhecimento produzido em ciências sociais e humanas é um modo de conhecer a nós mesmos, e de abertura para as possibilidades, para o entendimento da vida social e de outras alternativas sociais.

Ancoro aqui minhas reflexões e entendimentos no viés teórico-investigativo-metodológico da Prática Exploratória, por considerar que neste estudo o diálogo, a partilha solidária, o entendimento e a busca por conhecimentos mútuos estiveram presentes, o que torna possível o envolvimento de professores e alunos no trabalho de reflexão e construção de conhecimentos (Miller, 2008, 2012).

O paradigma qualitativo e interpretativo de pesquisa orienta o meu caminho (Denzin; Lincoln, 2006). A pesquisa qualitativa busca apreender a realidade complexa e as várias vozes que constituem o mundo social. A justificativa da escolha deste método se dá de acordo com o proposto por Denzin e Lincoln (2006, p.17) ao ressaltarem que o ato de investigar é “um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele (do pesquisador) e daquelas pessoas que fazem parte do cenário”.

Finalizo minhas considerações iniciais apresentando a estrutura que proponho para este trabalho. Organizei este relato de experiência em sala de aula em quatro momentos, sendo esta introdução o primeiro deles. Em seguida, exponho as reflexões teóricas. No terceiro momento, apresento a construção desta experiência. Por fim, teço minhas considerações, reflexões e entendimentos momentâneos, não conclusivos, uma vez que a sala de aula é lugar de vida, do inesperado, um lugar onde novas questões podem surgir, um espaço com suas próprias idiossincrasias (Allwright, 2009).

2. LINGUÍSTICA APLICADA CONTEMPORÂNEA – PRÁTICA EXPLORATÓRIA

A Linguística Aplicada Contemporânea (LAC) é um campo indisciplinado e misto, que procura criar inteligibilidades no uso da linguagem em contextos sociais. É considerada um campo continuamente crítico, autorreflexivo, e direciona sua preocupação para questões relacionadas à vida sociocultural, política e histórica (Moita Lopes 2006; Pennycook, 2006). Possui entre os seus méritos o fato de ter rompido com os modos tradicionais de produção do conhecimento nas ciências sociais e humanas, em reconhecimento ao sujeito social e a sua subjetividade, ou intersubjetividade, na produção do conhecimento sobre ele mesmo. Além do sujeito social, a LAC constrói o pesquisador como alguém que leva para a sua pesquisa as suas visões de mundo, os seus valores e as suas ideologias (Moita Lopes, 2006).

Estudos na área de LAC têm como direcionamento focar a linguagem como prática social, observando-a em uso, entrelaçada aos fatores contextuais. É um direcionamento que se interessa por analisar a linguagem de uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar,

compreendendo que “se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva” (Fabrício, 2006, p.48). É uma forma de fazer ciência que entende que a relevância das questões que estuda precisa ser relevante também para as nossas vidas e para a sociedade de modo geral (Rajagopalan, 2003).

Alinho-me às ideias de Rajagoplan (2006), no sentido de que a Linguística Aplicada faça a união da prática à teoria, caminhando para dar conta desse nosso mundo atual, plural e contemporâneo. Considero a sala de aula um espaço desse mundo plural, com professores e alunos, pessoas com suas diversidades e subjetividades. Como educadora, concordo com bell hooks (2013, p. 25), quando a autora pontua que “o trabalho do professor não é simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos alunos”. Penso também que o contexto pedagógico é um local que me ensina muito, que aprendo no universo da docência, o que me proporciona a ampliação do olhar, das minhas percepções, e dos meus “fazeres” pedagógicos. Allwright (2006) e Miller (2013) pontuam sobre a importância de que professores e alunos se percebam como produtores de conhecimentos na busca por entendimentos locais sobre o que fazem, o que sabem, e o que sentem em seu cotidiano escolar.

Inserida no campo da Linguística Aplicada, a Prática Exploratória, uma modalidade da pesquisa do praticante, não é um método de pesquisa, mas sim uma visão, um modo, uma maneira de refletir e buscar compreensão sobre as questões (cf. *puzzles*) que surgem, sem a preocupação com a solução dos problemas (Allwright; Hanks, 2009; Miller, 2013).

A Prática Exploratória, de acordo com Allwright (2001), é uma proposta de educação e pesquisa que visa nortear professores, estudantes, pesquisadores e equipe escolar à reflexão, não apenas sobre suas práticas pedagógicas, mas também sobre qualquer questão que envolva afetividade, aprendizagem, sucessos e insucessos. Para Deosti (2015), a perspectiva da Prática Exploratória toma como parte das reflexões a voz e avaliações dos estudantes e demais participantes. A autora pontua ainda que é um modo cuidadoso de olhar a sala de aula e perceber que a prática docente é uma atividade colaborativa que envolve relações assimétricas, emoções, afetividade e frustrações. A partir dessa visão se constitui tanto em uma conduta ética de ensino, como em uma concepção para conduzir pesquisas em sala de aula com foco na LAC (Deosti, 2015).

A Prática Exploratória oferece um conjunto de princípios para fazer uma pedagogia-investigativa em sala de aula (Allwright, 2006). Esse conjunto de princípios nortecedores

surtem de forma colaborativa e possuem como propósito conduzir a reflexões sobre o que é compreendido por Prática Exploratória, sendo esses o conjunto de princípios:

- Priorizar a qualidade de vida.
- Trabalhar para entender a vida na sala de aula ou em outros contextos profissionais.
- Envolver todos nesse trabalho.
- Trabalhar para a união de todos.
- Trabalhar para o desenvolvimento mútuo.
- Integrar este trabalho com as práticas de sala de aula ou com outras práticas profissionais (em serviço/em formação).
- Fazer com que o trabalho para o entendimento e a integração seja contínuo.

(Miller *et al.*, 2008. p.147)

3. CONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA

A turma que integrou a prática docente que aqui relato era composta por vinte estudantes, com idades variadas, sendo que a maior parte do grupo se encontrava na faixa de vinte a trinta anos de idade. Era uma turma que tinha uma participação ativa e voluntária, que demonstravam argumentações e articulações com os conteúdos apresentados.

Os alunos cursavam o segundo período do primeiro ano e estávamos em um momento em que eu iria abordar com a turma, por meio de exercícios práticos e leituras de textos, a temática da projeção vocal, apresentando um método e seus princípios, o Método Espaço Direcional Beuttenmüller (M.E.D.B.). Na visão proposta pelo método, os atores desenvolvem uma nova relação com o espaço cênico, uma vez que a voz precisa ter direção e, ao mesmo tempo, envolver o espectador (Guberfain, 2012). O método, criado pela fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller, é uma ferramenta que tem como objetivo um melhor desempenho vocal, entendendo este desenvolvimento como a capacidade de abraçar sonoramente o expectador, o que é chamado de abraço sonoro (Guberfain,2012).

Utilizo o método M.E.D.B. em minhas aulas e o planejamento pedagógico para essa turma era o de “mergulhar” de forma mais profunda nos princípios do método, realizando atividades práticas e leitura de textos. Seguindo os princípios do método eu tinha como proposta pensar, sentir, viver e experimentar os nossos sentidos, para que pudéssemos conversar e experimentar os sentidos das palavras. Ao buscar o sentido das palavras, na relação entre imagem e forma, é esperado que se abram as possibilidades de significação dessa palavra. A harmonização de todos esses fatores, em conjunto com a intenção de exteriorizar um determinado conteúdo, proporciona uma expressividade mais envolvente, conquistando mais o público, sendo o que propõe o método utilizado (Guberfain,2012).

Ter a oportunidade de realizar o meu trabalho dessa forma me coloca em uma posição, em uma conduta de trabalho que, por si só, me possibilita ter olhares, escutas e percepções para além do pensamento puramente tecnicista. Sempre senti um grande prazer e identificação ao trabalhar dessa forma, mesmo fora do ambiente do teatro e das salas de aula. Porém, o que sinto de verdade é que essa turma específica, e o ambiente da sala de aula, me provocou, me direcionando para um caminho que pôde ampliar, desenvolver ainda mais esse meu fazer, que tanto aprecio.

Minhas aulas com essa turma são semanais e, dessa forma, iniciamos, em uma segunda-feira do ano de 2023, a conversar e apresentei o tema da aula, a imagem da palavra. Fiz as apresentações iniciais sobre o tema e relatei para a turma como estava planejando as aulas seguintes. A partir desse momento, os alunos, que se disseram “encantados” com o que ouviram, queriam saber mais, não só de conteúdo com leituras, por exemplo, mas também sobre como poderiam aprender mais, aprofundar o tema proposto.

Após as discussões, interações e diálogos, os alunos perceberam que gostariam de aprender, também, com novas possibilidades de recursos. Na avaliação do grupo, o sentimento era de que o caminho do trabalho manual, que tanto apreciavam, poderia ser uma experiência que traria diferentes nuances durante o estudo da palavra no texto para atuação. Dessa forma, cola, barbante, tesoura, tinta, entre outros recursos, passaram a fazer parte das aulas seguintes.

De acordo com Allwright e Bailey (1991), todo professor já experimentou algum acontecimento inesperado que tenha mudado o rumo da aula previamente planejada. Essa coprodução, segundo os autores, pode ser encorajada ou reprimida pelo professor. Eu fiz a escolha pela opção de encorajamento, por acreditar que meus alunos podem aprender de outras formas, além daquelas planejadas por mim. hooks (2017), considera que para a promoção de uma prática pedagógica libertadora, que estimula o diálogo e desperta a reflexão crítica, há a necessidade de que o professor possa mudar o programa predeterminado.

Allwright (2006) e Miller (2013), sinalizam sobre a importância de que professores e alunos se percebam como produtores de conhecimento, na busca por entendimentos locais sobre o que fazem, o que sabem, e o que sentem em seu cotidiano escolar. Nesse sentido, e com esse sentir, foi que percebi naquele momento que tive uma oportunidade para ressignificar a minha prática pedagógica, que tinha um novo fazer pedagógico diante de mim. Um fazer que veio ao encontro dos momentos de discussão na disciplina de Tópicos de Linguagem e Ensino, que curso no Doutorado. Na verdade, compreendi que o que discutia

com meus professores e colegas sobre práticas pedagógicas me abriu possibilidades para ver o que estava acontecendo ali, na minha sala de aula. Vislumbrei um fazer que me permitiu agir de forma exploratória, onde eu e meus alunos estivemos envolvidos na coconstrução de uma determinada aula, a da imagem da palavra. Dessa forma, foi possível incentivar a criatividade, a curiosidade dos alunos, e o prazer de estarmos ali envolvidos naquele trabalho (Miller *et al*, 2008).

O que pude observar foi que o que estava sendo colocado ali ia para além das questões da aprendizagem vocal-corporal do ator. O que ficou latente em todo o grupo, incluindo a mim, professora daquela turma, é que “mergulhamos” em um universo que nos proporcionou muitas trocas e interações. Nos vimos movidos pelo desejo de aprender algo, permeado pelas nossas sensações, percepções e emoções.

Os alunos trabalharam na cocriação de materiais que nos conduziram naturalmente aos objetivos que desejávamos para as aulas que abordariam o tema da imagem da palavra. Foi assim que, por meio de construções, desenhos e colagens, imagens foram surgindo nos levando a sensações, emoções, ideias, percepções, e até recordações, que simbolizavam as palavras para serem trabalhadas e vivenciadas por meio dos nossos sentidos. As palavras que foram trabalhadas, com o propósito da expressividade e da projeção vocal, foram selecionadas a partir dos alunos, das suas escolhas e interações na elaboração e construção dos materiais, como também de suas próprias histórias e vivências.

Dessa forma, um desenho que simbolizava a palavra borboleta foi selecionado pelo grupo para que pudéssemos desenvolver em uma das aulas. A palavra borboleta, que foi trabalhada em textos e poemas para encenação, ganhou dimensões diversas entre os alunos, proporcionando a percepção desse estímulo, por meio das sensações e associações com seus sentimentos e emoções. Ao passo que alguns alunos percebiam em si sensações e sentimentos de liberdade, que consideraram positivos, ao experimentarem a vivência com a palavra borboleta, outros relataram afetos negativos, uma vez que associaram o processo de metamorfose que esse animal sofre com transformações dolorosas que vivenciaram. As percepções vivenciadas foram a mola propulsora, que nos permitiu trabalhar as nuances da voz e a interpretação vocal, tão importantes no trabalho do ator.

Outro tipo de material produzido pelos alunos foi a criação da maquete de um jardim. Os alunos escolheram a partir dessa produção trabalhar com a palavra rosa, que trouxe memórias afetivas, consideradas positivas pelo grupo, como um todo. Uma aluna recordou seus momentos de infância, quando brincava na casa da sua avó. Foi uma recordação que a

transportou para o jardim da casa da sua avó e a levou a “sentir” o cheiro das rosas e dos jasmims, a fazer aflorar suas memórias dos sentidos olfativo e visual, e a compartilhar com todos suas emoções daquele momento da sua vida. A ligação entre sensações, imagens, ideias e recordações, se reflete no processo de comunicação para o necessário envolvimento sonoro com o espectador (Guberfain, 2012). Nas possibilidades de soar a palavra, nas dinâmicas em ação cênica, articulam-se sentidos que estão sempre em construção, criação e recriação. Paul Zumthor (2001) constata que o texto oral nunca satura todo o seu espaço semântico, pois cada pessoa que vocaliza carrega a sua marca, a sua impressão, a sua percepção corporal e sensorial.

Foi trilhando esse caminho das emoções que todo o material produzido, de forma colaborativa, foi explorado e trabalhado pelo grupo e, por meio das percepções e sentimentos ali colocados, pudemos trabalhar os sentidos das palavras e a importância desse trabalho para o ator na construção do seu personagem. Por meio do trabalho desenvolvido, das nossas interações e conversas, pudemos também tecer novas experiências que, segundo relato dos alunos, foi muito interessante. Uma aluna manifestou o desejo de expressar o que vivenciou e após refletir sobre o processo, como ela mesma pontuou, nos apresentou o seguinte relato:

A preparação do material foi um momento de descoberta de possibilidades e atenção ao que cada material poderia despertar aos nossos sentidos. Foi muito gostoso criar os materiais tendo como ponto de partida uma palavra que levava a sensações e até a possíveis personagens. Além disso, foi interessantíssima a troca sobre o que cada trabalho trazia ao imaginário de cada pessoa do coletivo, pois acabou revelando as memórias e experiências que cada um carrega em si. Percebi que é preciso abraçar as referências que cada um carrega, por mais que não sintamos que sejam interessantes o suficiente, elas carregam a potência de fazer parte de quem nós somos e comunicar com mais emoção e Vida os textos em cena, sejam eles verbais ou não.

(conversa, dia 04 de dezembro de 2023)

Acredito que o que meus alunos, alunas e eu pudemos vivenciar está em consonância com o que nos aponta Zembylas (2005), de que o processo de ensino-aprendizagem não deve ser concebido como uma lista de habilidades, mas sim como uma maneira de ser e de sentir. Um sentir que nos permite viver a educação em seu sentido mais pleno, como tivemos a oportunidade de vivenciar. Penso também que esse sentir nos conduz ao caminho de abraçar uma ética amorosa que, como definido por hooks (2021), significa utilizar todas as dimensões do amor “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” (hooks, 2021, p.16). A autora acredita ainda que o conhecimento deve ser entendido como um elemento fundamental do amor.

Observei que o trabalho que ali se desenvolvia era pensado de forma coletiva, colaborativa, e vejo que a prática que meus alunos desenvolveram está presente em três proposições sobre as características dos aprendizes, resumidas por Allwright, que pontuam que “aprendizes são capazes de levar o processo de aprendizagem a sério; aprendizes são capazes de tomar decisões de forma independente e aprendizes são capazes de se desenvolverem como praticantes da aprendizagem” (Grupo da Prática Exploratória, 2020, p.55).

Allwright (2006) e Miller (2013) sinalizam sobre a importância de que professores e alunos se percebam como produtores de conhecimento, na busca por entendimentos locais sobre o que fazem, o que sabem, e o que sentem em seu cotidiano escolar. Nesse sentido, e com esse sentir, foi que percebi naquele momento que tive uma oportunidade para ressignificar a minha prática pedagógica, que tinha um novo fazer pedagógico diante de mim. Vislumbrei um fazer que me permitiu agir de forma exploratória, onde eu e meus alunos estivemos envolvidos na coconstrução de uma determinada aula, a da imagem da palavra. Dessa forma, foi possível incentivar a criatividade, a curiosidade dos alunos, e o prazer de estarmos ali envolvidos naquele trabalho (Miller *et al*, 2008).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sintonia com Freire (1998), considero que o espaço pedagógico se constitui em um texto que pode ser constantemente lido, interpretado e reescrito, pelos educadores e pelos educandos, na construção dos saberes produzidos nesse espaço, quando existe a solidariedade entre eles. Percebo que o caminho da Prática Exploratória, que abraça educadores e educandos na busca por entendimentos de questões surgidas nas salas de aula, possibilita que seja feita a releitura desse espaço, ao valorizar e incentivar a solidariedade entre seus participantes, mencionada por Freire. Solidariedade que, no meu entendimento, permite ir ao encontro de um dos princípios norteadores da Prática Exploratória: trabalhar para a união de todos. É um princípio que transforma o ambiente de trabalho e ajuda a diminuir a distância entre os papéis que todos cumprem no ambiente educacional, contribuindo também para a construção de relações afetivas (Grupo da Prática Exploratória, 2020). Ao trilhar esse caminho penso que meus alunos e eu pudemos contribuir para a criação de um espaço dialógico e que, por meio da escuta atenta e reflexiva, pudemos vivenciar maiores entendimentos sobre as percepções e emoções dos participantes do grupo. Percebo também que meus alunos me conduziram, por meio dessa experiência em sala de aula, a vivenciar a

minha própria emoção e prazer de estar ali em conjunto, em união e colaboração com todos, participando e cocriando um espaço mais afetivo. Com base na questão do afeto positivo e do afeto negativo, me interessa enfatizar que, com o trabalho colaborativo da Prática exploratória, é possível ficar mais atento ao afeto coconstruído e, dessa forma, aprofundar o entendimento da(s) qualidade(s) de vida(s) do grupo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLWRIGHT, D.; BAILEY, K. **Focus on the language classroom**: An introduction to classroom research for language teachers, Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

ALLWRIGHT, D. Three Major Processes of Teacher Development and the Appropriate Design Criteria for Developing and Using Them. *In*: JOHNSTON, B.; IRUJO, S (Orgs). **Research and practice in language teaching education**: Voices from the Field. Minneapolis: University of Minnesota, 2001. p. 115-133.

ALLWRIGHT, D.; HANKS, J. **The Developing Language Learner**. Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2009.

DAVIES, A. **Na Introduction to AppliedLinguistics**: From Practice to Theory. Edinburgh Textbooks in Applied Linguistics. Edinburgh University Press, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S.(orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEOSTI, A. **A Prática Exploratória**: uma abordagem de ensino/pesquisa ético-crítica em Linguística Aplicada. International. *In*: Congress of Critical Applied Linguistics, Brasília, Brasil – 19-21 outubro 2015.

FABRÍCIO, B.F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”. Redescrições em curso. *In*: MOITA LOPES, L.P (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GRUPO DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA. **Por que trabalhar para entender a vida em sala de aula?** histórias do grupo da Prática Exploratória. Rio de Janeiro, digital, 2020.

GUBERFAIN, J.C. **A Voz e a Poesia no Espaço Cênico**. Rio de Janeiro: Synergia, 2012.

hooks, b. **Ensinando a Transgredir**: A educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

MARTINS, J. T. Ação vocal: a dramaturgia do corpo na ação física da palavra. In: ALEIXO, Fernando (Org) **Práticas Poéticas Vocais**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

MILLER, I.K. et al. Prática Exploratória: Questões e Desafios. In: GIL, G. & ABRAHÃO, M.H. (Orgs.). **A formação do professor de línguas: os desafios do formador**. Campinas, S.P: Pontes, 2008, p. 145-165.

MILLER, I. K. A Prática Exploratória na educação de professores de línguas: inserções acadêmicas e teorizações híbridas. In: SILVA, K. A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (org.) **A educação de professores de línguas na contemporaneidade: novos olhares**. Campinas, S.P: Pontes, 2012.

MILLER, I. K. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: MOITA LOPES, L.P. **Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problemática dos Construtos que tem orientado a pesquisa**. In: MOITA LOPES L. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006^a. P.13-44.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

RAJAGOPALAN, K. Linguagem e identidade. In: RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística Crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p.149-168, 2006.

ZEMBYLAS, M. **Beyond teacher cognition and teacher beliefs: the value of the ethnography of emoticons in teaching**. International Journal of Qualitative Studies in Education, v. 18, n. 4, p. 465-487, 2005.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

A AUTORA

Lucia Provenzano é doutoranda em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É mestre em Fonoaudiologia pela Universidade Veiga de Almeida, especialista em voz pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia e especialista em Linguagem pelo CEFAC – Saúde e Educação. É graduada em Fonoaudiologia pela Universidade Estácio de Sá. Atualmente é fonoaudióloga concursada na área de educação do estado do Rio de Janeiro.

E-mail: luciaprovenzano@yahoo.com.br